

PERSONALIZAÇÃO DE CONTEÚDOS E DISCURSO: APONTAMENTOS INICIAIS*

Daiana de Oliveira Faria
Lucília Maria Sousa Romão
Universidade de São Paulo

RESUMO: Pauta-se na premissa de haver algum deslocamento na dinâmica da Internet, que antes se apresentava com a pretensa ilusão do tudo para todos (FARIA; ROMÃO, 2012) e agora parece centrar-se no “eu”, a fim de impor-lhe um recorte do todo. Recorte esse possibilitado pelos recursos de personalização de conteúdo que filtram as informações e mostram para o usuário apenas o que tais recursos analisaram como de interesse para esse usuário, ou seja, não é o usuário que escolhe o que lhe interessa, mas a tecnologia (PARISER, 2012). Diante disso e tendo em vista que trata-se de um projeto de pesquisa, objetivar-se-á observar se e como tais condições de produção, anotando que essas compreendem os sujeitos e a situação no seio da história, têm o potencial de determinar a captura do sujeito e impor-lhe um movimento de inscrição. Infere-se que, com tal implicação no funcionamento da linguagem, os recursos de personalização são capazes de propor formas de nomeação ao sujeito, que é inscrito pela máquina desde o momento em que ela lhe atribui um número (endereço IP) até o momento em que os conteúdos direcionados lhes aparecem na tela. Diante disso, com base no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de matriz francesa, sobretudo a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, observar-se-á como, pelo processo de interpelação ideológica, a Internet determina inscrições do sujeito através dos recursos de personalização cada vez mais usados nesse espaço. Contudo, este trabalho almeja a elaboração de uma fundamentação teórica em torno do discurso perpassado pela tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Google; Personalização de Conteúdos

INTRODUÇÃO[†]

A teoria que embasa esta proposta é a Análise do Discurso, de matriz francesa, sobretudo a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux. Desta teoria, serão considerados alguns conceitos centrais para esta proposta, quais sejam: Discurso, Arquivo, Sujeito, Esquecimentos, Ideologia, Memória Discursiva, Condições de produção. Outros conceitos também contribuirão para compor a rede conceitual, tais como: Nomeação (DIAS, 2008), Paráfrase (ORLANDI, 1998), Memória metálica (ORLANDI, 2006; 2010). Com base nestes conceitos, pretende-se uma análise das implicações discursivas dos recursos de personalização de conteúdos na *web*.

1 DISCUSSÃO TEÓRICA

Partir-se-á da noção de discurso, central a teoria em questão. Considerado como uma construção social, histórica e ideológica, o discurso encontra materialidade na língua e em seu funcionamento. É por meio do discurso que a história deixa de ser apenas cronologia e evolução, clamando por interpretação e sustentando a produção de sentidos. Nesse espaço, ou seja, no discurso, é que ocorrem os processos de inscrição do sujeito. Entendido como posição no discurso

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

† Este trabalho consiste em um projeto de pesquisa de doutorado que encontra-se em fase inicial. Diante disso, serão apresentados aqui a temática do projeto, o objeto de pesquisa eleito para análises e reflexões futuras, a discussão teórica que fundamenta o projeto e a metodologia que será utilizada.

(PÊCHEUX, 1969), o sujeito é oriundo das relações entre o funcionamento da língua e a história, a ideologia e o inconsciente. Ressaltando aqui o papel da ideologia, que é tomada enquanto “prática significativa”, que “aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2003, p. 48). É a ideia de movimento e deslocamento que fundamenta a noção de sujeito: um lugar tomado para que, a partir do qual, se possa enunciar e, ressaltando, esse lugar não é sempre o mesmo, visto que o sujeito pode migrar de uma posição a outra, “vale lembrar que o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia (ORLANDI, 2003, p. 99-100)”.

A partir disso, pensar-se-á a relação do sujeito com a paráfrase e as formas de nomeação impulsionadas pela tecnologia, em particular pelos mecanismos de personalização de conteúdos na *web*. Parte-se da noção de Dias (2008) para pensar a relação do sujeito com a tecnologia. Segundo a autora,

Não há centro, nem identidade fixa nas redes de relações da Internet, e falo de identidade no sentido de construções sociais de pertencimento a categorias identitárias (nome, sobrenome, RG, CPF, estado civil, filiação etc.). No ciberespaço, o sujeito é indeterminado, artigo indefinido, e se constitui na própria velocidade do acontecimento (DIAS, 2008, p. 37).

Esta hipótese é a de que os recursos de personalização de conteúdos na *web* promovem a constituição do sujeito ao inscrevê-lo em redes parafrásticas de sentidos, atribuindo a ele um número que o identifica, o seu IP, e os conteúdos que conclui como pertinentes. Vale destacar que o sujeito é afetado pelo esquecimento, noção proposta por Pêcheux (1998), que produz efeitos de sentidos de origem e clareza, ou seja, torna “óbvia” a ilusória relação direta entre o pensamento, as palavras e as coisas do mundo por ela representadas (esquecimento nº 2) e a pretensa originalidade dos dizeres (esquecimento nº 1). Processos, tais, sedimentados pelo trabalho atuante da ideologia. Além disso, acredita-se que tudo isso traz à tona a relação do sujeito com o arquivo, premissa que pretende-se corroborar ou refutar ao cabo desta pesquisa. Mobilizar-se-á a noção de arquivo

[...] não visto como um conjunto de “dados” objetivos dos quais estaria excluída a espessura histórica; mas sim como tecelagem de materialidade discursiva sujeita à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de ler o arquivo, o que não corresponde a um espaço de “comprovação, onde se suporia uma interpretação unívoca” (NUNES, 2005, s.p.). (ROMÃO, 2011, p. 109).

Ou seja, uma concepção de arquivo que parte da relação, proposta por Pêcheux (1994), entre língua como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história. Isso é o que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo (PECHÊUX, 1994, p. 63).

A mobilização dos conceitos supracitados pressupõe um trabalho sobre a noção de memória, concebida no âmbito do discurso e sua relação com o que Orlandi (2010) postula como memória metálica, concepção de memória pertinente aos estudos do discurso eletrônico. No que tange ao discurso eletrônico, expressão já colocada por Orlandi (2010) para significar o discurso da automatização e, no âmbito deste trabalho, para dizer do discurso instaurado pelas condições de produção da contemporaneidade, ressalta-se que os sentidos não são indiferentes à matéria significativa. Segundo Orlandi,

[...] o dispositivo analítico terá sua forma afetada pela natureza do material significante: não se analisa da mesma maneira um texto verbal e uma estátua, ou uma pintura, etc. Isto é a abertura do simbólico e esta abertura

deve ser levada em conta pelo analista, respeitando as diferentes materialidades significantes com que trabalha. Assim também com o discurso eletrônico, ou mais geralmente, o digital, em sua materialidade específica (ORLANDI, 2010, p.8).

Isso posto, propõe-se pensar as implicações da materialidade própria da Internet no que tange a memória, buscando em Pêcheux a noção de memória discursiva que

[...] seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (que dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

E em Orlandi, a noção de memória metálica

ou seja, a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador, etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento. Este é um efeito – uma simulação - produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. E o mito, justamente, desta forma de memória é o “quanto mais, melhor” (ORLANDI, 2010, p. 9).

Relações ainda difusas que serão refletidas no desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

2 METODOLOGIA

No que tange ao método em Análise do Discurso, vale atentar-se na relação entre alguns pontos centrais da teoria, quais sejam: a língua, o discurso, a ideologia e a história. Para tanto, com base nas palavras de Courtine (1981), ressalta-se o discurso enquanto matéria da relação entre o ideológico e o linguístico, ou seja, por um lado, representa, no interior da língua, os efeitos das contradições ideológicas e, inversamente, manifesta a existência da materialidade linguística no interior do ideológico. Segundo esse autor,

A adoção de um ponto de vista especificamente discursivo deve evitar, se é verdade que no discurso se estabelece uma relação determinada entre o linguístico e a ideologia, reduzir o discurso à análise da língua e dissolvê-lo no trabalho histórico sobre a ideologia. Mas deve-se levar em conta a materialidade discursiva como objeto próprio, ou seja, produzir em função dela as proposições teóricas (COURTINE, 1981, p. 7).[‡]

[‡] Tradução de: “La adopción de un punto de vista específicamente discursivo debe evitar, si es verdad que en el discurso se establece una relación determinada entre lo lingüístico y la ideología, reducir el discurso al análisis de la lengua o disolverlo en el trabajo histórico entre las ideologías. Pero debe tomar en cuenta la materialidad discursiva como objeto propio, es decir, producir en función de ella las proposiciones teóricas.”

Diante disso, a primeira etapa do método discursivo abarca a definição do campo de observação, levando em conta que

Diante do universo de discursos passíveis de análise, traçamos um primeiro recorte de um arquivo, definido por Pêcheux (1997) como "campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão". Deste, delimitamos um campo discursivo de referência a partir de uma seqüência de restrições (MITTMANN, 2007, p.1).

Pretende-se partir do fenômeno contemporâneo de direcionamento de conteúdos *web*, uma espécie de filtro que, por meio de algoritmos de personalização, faz com que chegue a tela do sujeito-navegador apenas aquilo que tais algoritmos concluíram como de interesse para aquele sujeito-navegador. Segundo Pariser, os recursos de personalização

[...] criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós - o que passei a chamar de bolha dos filtros - que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações (PARISER, 2012, p. 14).

Diante disso, é pretendido, no desenvolvimento deste projeto de pesquisa, analisar as implicações dessas técnicas com o funcionamento da linguagem, com base na Análise do Discurso de matriz francesa. A partir da literatura (MARCHI, 2010; GODOY, et all, 2011; PARISER, 2012) vê-se que tais recursos funcionam melhor quanto maior for o uso da Internet, ou seja, quanto mais um sujeito-navegador acessar a internet, clicar em links, entrar em sites, etc, mais personalizado será o conteúdo *web* para o sujeito.

Depois de estabelecido o campo de observação, parte-se para a observação do material selecionado a fim de extrair dele recortes para análise. Essa etapa será feita tendo em mente os postulados teóricos da AD, para que, assim, eles possam ser observados no material futuramente coletado. Nesta etapa, cabe ressaltar o fato de que

Não há uma passagem natural da dispersão do arquivo à seleção de textos de nosso corpus empírico e deste à organização das seqüências discursivas que formam nosso corpus discursivo. As passagens somente se dão pelo retorno constante à teoria e, por vezes, pelo deslocamento/surgimento de sentidos, de noções, de percursos... (MITTMANN, 2007, p.1).

Na etapa de identificação das sequencias discursivas, o corpus discursivo será percorrido e relacionado com a história, sempre pensando o linguístico atravessado pelo ideológico e pelo inconsciente. Vale destacar que, enquanto analistas, somos afetados por ambos, o inconsciente e o ideológico, e “a defesa da análise do discurso como prática interpretativa não se dá sem que se coloque como condição indispensável a explicitação do lugar de onde o analista fala” (TEIXEIRA, 2005, p. 196-197 apud ROMÃO, 2011). O que fica de crucial nesta etapa é que:

por nosso objeto de análise ser um objeto teórico, é preciso ressaltar que a teorização determina o procedimento metodológico, e ambos levam à constituição do corpus, o que significa dizer que o corpus não está dado, mas é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar (MITTMANN, 2007, p.1).

Por fim, serão redigidas as análises discursivas. Nesta etapa é crucial ter o cuidado de não incorrer numa descrição do texto, mas sim elaborar uma teorização do discurso. Considera-se que o discurso consiste em um objeto teórico e não uma unidade de análise. Assim,

[...] percorremos o olhar de analistas sobre o texto em busca de sua historicidade (o externo que é interno), investigando o ponto de encontro entre o ideológico e o lingüístico. Um ponto de encontro que não é transparente, pois, do contrário, efetuaríamos um trabalho de descrição e não de análise (MITTMANN, 2007, p.1).

Contudo, vale ressaltar que, diante do quadro teórico-epistemológico proposto por Michel Pêcheux, não se pode fazer uma descrição exaustiva de conteúdos, mas sim uma teorização em torno de alguns aspectos discursivos observados, ressaltando que

[...] tomamos o texto como unidade lingüística para análise do funcionamento do discurso e de suas condições históricas de produção/leitura. E porque, nesta teorização, não efetuamos uma análise exaustiva, tentando dar conta de todos os aspectos envolvidos, mas trabalhamos profundamente sobre alguns aspectos discursivos inter-relacionando arqueologicamente noções teóricas pertinentes (MITTMANN, 2007, p. 1).

2 CONCLUSÃO

Diante do exposto, ressalta-se que este trabalho encontra-se em fase inicial, na qual está sendo fundamentada uma estratégia de busca para composição do corpus de análise. No entanto, trabalha-se com a hipótese de que os recursos de personalização na *web* fomentam uma discussão pertinente aos estudos do discurso perpassado pela tecnologia. Para fundamentar tal discussão, pretende-se traçar uma reflexão teórica em torno das noções de arquivo discursivo, ideologia, sujeito e memória discursiva, conceitos fundamentais para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa. Afora estes, também serão trabalhados outros conceitos, tais como: paráfrase, nomeação, esquecimentos número 1 e 2, memória metálica, entre outros.

REFERENCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, França, n. 62, p.01-70, jun. 1981. Prefácio de Michel Pêcheux: O estanho espelho da análise do discurso. Disponível em: <<http://www.magarinos.com.ar/courtine.htm>>. Acesso em: 04 set. 2012.

DIAS, Cristiane Pereira. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008.

FARIA, Daiana Oliveira; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Considerações sobre o discurso eletrônico. In: Lucília Maria Sousa Romão; Fernanda Correa Silveira Galli; Ludmila Ferrarezi. (Org.). *Cadernos do E-L@DIS: nas bordas da rede*. Cadernos do E-L@DIS: nas bordas da rede. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 13-28.

GODOY, Valdir Alves de et al. Web semântica: bolhas individuais ou um facilitador de buscas?. *Intr@ciência: revista científica*, Guarujá, v. 1, n. 3, p.01-11, Dez. 2011. Anual. Disponível em: <http://www.uniesp.edu.br/guaruja/site/revista/PDfs/artigo1_WebSemantica.pdf>. Acesso em: 04 set. 2012.

MARCHI, Késsia Rita da Costa. *Uma abordagem para a personalização de resultados de busca na web*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Computação, Departamento de

- Informática, UEM, Maringá, 2010. Disponível em: <<http://www.din.uem.br/pos-graduacao/mestrado-em-ciencia-da-computacao/arquivos/dissertacoes-1/Kessia%20Rita%20da%20Costa%20Marchi.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2012.
- MITTMANN, Solange. *Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise*. In: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. (Org.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 153-162.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. *Rua* (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade) Nº. 04 – Unicamp- Nudecri – Campinas, SP, 1998.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003. 276 p. 3ª reimpressão.
- _____. *Análise de Discurso: conversa com Eni Orlandi*. Teias, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13-14, p.01-07, jan/dez. 2006. Anual. Entrevistada: Eni Orlandi. Entrevistador: Raquel Goulart Barreto. Disponível em: <www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias>. Acesso em: 04 set. 2012.
- _____. *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade*. *Rua: Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, Campinas, v. 2, n. 16, p.5-17, 11 nov. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/index.rua?acessar=16-2>>. Acesso em: 03 out. 2011.
- PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 250 p. Tradução: Diego Alfaro.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F. e HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução às obras de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997a. (Título original: *Analyse Automatique du Discours*. Paris, 1969).
- _____. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, E.P. et al. (Org). *Gestos de leitura*, 1994, p. 55-66.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi [et al.].
- _____. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *Exposições do museu da língua portuguesa: arquivo e acontecimento e(m) discurso*. São Carlos: Pedro & João, 2011. 236 p. Prefácio de Amanda Scherer e Posfácio de Waldomiro Vergueiro.